



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO *VERSUS* INTOLERÂNCIA RELIGIOSA — UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

DANIEL GUIMARÃES E SILVA* E JOSUÉ BEN-NUN BERTOLIN**

Resumo: A violência praticada por motivações religiosas suscita amplo debate sobre formas de diálogo inter-religioso e caminhos para enfrentar a intolerância e promover a paz. O presente trabalho discute essas questões a partir de referenciais teóricos das ciências sociais, da ciência da religião e da teologia, e apresenta, dentro do conjunto das iniciativas brasileiras pelo fomento do diálogo inter-religioso, breve estudo sobre a Legião da Boa Vontade (LBV). A análise de discurso dessa organização, em documentos que vão da década de 1940 à atual década de 2010, revela elementos para ampliar o debate sobre a experiência brasileira no campo do diálogo inter-religioso.

Palavras-chave: diálogo inter-religioso; ecumenismo; alteridade.

Interfaith dialogue versus religious intolerance — a Brazilian experience

Abstract: The acts of violence practiced under religious motivations brings up a wide debate on the types of interfaith dialogue and the paths to face intolerance and to promote peace. The present work discusses these issues from the point of view of theoretical references from the social sciences, the science of religion, and theology, and presents, among the Brazilian initiatives that foment interfaith dialogue, a brief analysis of the organization Legion of Good Will. A discourse analysis of this civil society organization, researched in documents that date from the decade of 1940 to the decade of 2010, presents elements that broaden the debate on the Brazilian experience in the field of interfaith dialogue.

Key-words: Interfaith dialogue; Ecumenism; Otherness.

*Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP).

**Bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrando em História Social pela USP.

1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade são recorrentes os conflitos e as guerras motivados por questões religiosas. Tais fatos requerem análise à luz do contexto social, político e econômico, pois o que muitas vezes ficou conhecido como uma guerra religiosa poderia tratar-se de disputa geopolítica que se utilizara do discurso religioso para legitimar o

derramamento de sangue. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a religião aparece relacionada a cenários de conflito, é admissível afirmar que ela tem contribuído para a paz no mundo. Mas por que tanto ódio e desavença persistem entre tradições espirituais?

Seguir uma religião, qualquer que seja, é um direito protegido pelo artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948 na

Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). O Estado brasileiro igualmente reconhece esse direito, conforme consta na Constituição Federal de 1988, Artigo 5º, inciso VI. Apesar de importantes avanços alcançados no arcabouço jurídico internacional, ainda hoje a intolerância religiosa impulsiona uma série de conflitos ao redor do globo. Em levantamento divulgado na publicação “Conflict Barometer”, editada anualmente pelo Heidelberg Institute for International Conflict Research, ligado à Universidade de Heidelberg, na Alemanha, somente no ano de 2012 foi possível identificar pelo menos oito conflitos violentos nos quais questões religiosas estão presentes (em Myanmar, Nigéria, Paquistão, Índia, Indonésia, Tailândia, Iraque e Israel). E a imprensa internacional no momento em que se produzia este trabalho indicava diversos outros com contornos religiosos em curso no mundo, resultando em perda de vidas, além de uma série de episódios de violência e discriminação religiosa no Brasil.

Esses fatos expõem uma contradição: embora garantidos por lei e acordos internacionais, o respeito e a convivência harmoniosa entre as diversas religiões ainda não se efetivaram. O presente trabalho visa abordar um fenômeno que, historicamente, tem servido de contraponto à intolerância: a promoção do diálogo inter-religioso, investigando se ou em qual intensidade a criação de canais de comunicação entre tradições religiosas pode contribuir para o enfraquecimento da intolerância. Para pôr em discussão a problemática que essa questão levanta, serão articuladas contribuições teóricas das ciências sociais, da ciência da religião, da história e da teologia com um trabalho de pesquisa documental a respeito de uma das mais antigas experiências conhecidas de promoção do diálogo inter-religioso no Brasil, senão a mais antiga: a da Legião da Boa Vontade, organização da sociedade civil brasileira de caráter filantrópico e ecumênico.

2 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E O DESAFIO DA ALTERIDADE

A expressão “diálogo inter-religioso” é utilizada

em contextos muito distintos. Nesse artigo, será empregada para identificar a existência de relações sistemáticas e cooperativas entre pessoas e instituições representativas de diferentes segmentos religiosos. A emergência do fenômeno inter-religioso pode ser compreendida à luz da Teoria da Ação Comunicativa, do filósofo alemão Jürgen Habermas. Nela, o autor aponta que os indivíduos se orientam por diferentes racionalidades, dependendo dos espaços sociais em que estão situados.

O agir estratégico (que, em linhas gerais, é a ação humana voltada a atingir um fim, incluindo-se as expectativas de outros indivíduos) limita-se à economia e à política, enquanto o espaço da cultura, da sociabilidade e da subjetividade — portanto, da religião também — integra o chamado “mundo da vida”. Nele, os indivíduos operam por outra forma de raciocínio, que privilegia o diálogo e é dotada de uma estrutura própria, a racionalidade comunicativa, que certamente contribui para o exercício inter-religioso:

Sob o aspecto funcional do entendimento, a ação comunicativa serve à tradição e à renovação do saber cultural; sob o aspecto de coordenação da ação, serve à integração social e à criação de solidariedade; sob o aspecto da socialização, finalmente, serve à formação de identidades pessoais. (HABERMAS, 1988, p. 196)

Nesse enquadramento teórico, podemos identificar a violência de fundo religioso como efeito colateral de um processo mais amplo diagnosticado pelo autor: a “colonização” do mundo da vida pelo agir estratégico característico da economia e da política. Tal fenômeno, contra o qual a sociedade tem buscado resistir, empobrece as relações sociais.

Outra dimensão relevante para a existência do diálogo inter-religioso é a compreensão do sentido de alteridade, de enxergar a partir da perspectiva do outro. Algo desafiador em qualquer contexto, e com o coeficiente religioso, a complexidade torna-se ainda mais ampla. Tzvetan Todorov, filósofo e linguista búlgaro, colabora com essa questão do encontro de um indivíduo com o outro, distinto de si. Em seu

livro “A conquista da América”, a partir de relatos de época, analisou a chegada dos europeus ao Novo Mundo e como estes lidaram com aqueles seres tão diferentes deles próprios:

Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*. [...] Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou *só aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. (TODOROV, 1993, p. 3)

Essa descoberta faz pensar acerca das representações construídas sobre os outros e a predisposição dos membros de um grupo social para criar distâncias ou estabelecer canais de diálogo e de troca. Tal questão é importante no diálogo inter-religioso, pois este depende fundamentalmente de um modo de agir específico dos atores, que por sua vez resulta da percepção ou consciência deles sobre aquilo que é diferente de si.

Aqui se recorre ao conceito de *habitus*, conforme sistematizado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), como

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações — e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p. 65)

Nessa perspectiva, é possível questionar se a experiência religiosa pode levar um indivíduo a reconhecer afinidades não somente com aqueles que integram o mesmo campo religioso, mas se pode funcionar também como um dispositivo de aproximação de indivíduos que professem outra fé religiosa. Para explorar essa possibilidade, faz-se necessária uma incursão no debate acadêmico sobre o fenômeno inter-religioso, hoje marcadamente

realizado no âmbito das pesquisas teológicas.

Faustino Teixeira, teólogo brasileiro, analisou o desafio que as identidades religiosas enfrentam na sociedade pós-tradicional, e a necessidade delas se “declararem, a entrarem em contato e a se enriquecerem com o diferente” (TEIXEIRA, 2003, p. 22). Por conviverem em um mundo plural, as religiões passam por um processo permanente de redefinição da identidade e de reinterpretação da tradição.

Ainda segundo o mesmo autor, o exercício da “comunicação dialógica inter-religiosa” apresenta-se como basilar no momento atual para a própria experiência do sagrado. A conversação, quando autêntica, tem como premissa a transformação mútua nas concepções dos participantes, com o objetivo de reconhecer semelhanças na diferença (Ibid., p. 23). Para esclarecer esse ponto, Faustino cita David Tracy, teólogo católico romano, que afirmou que uma conversação pressupõe estar disposto a “arriscar toda a sua autocompreensão atual e levar a sério as posições do outro que reclama para si igual reconhecimento de autenticidade e verdade em sua autocompreensão” (TRACY, 1997, p. 142 apud TEIXEIRA, 2003, p. 23).

Raimundo Panikkar (1918-2010) (1998), teólogo indiano, discorre sobre o diálogo inter-religioso como uma forma de intercâmbio que conduz ao encontro da religião consigo mesma, portanto leva os indivíduos que dele participam igualmente a um encontro consigo mesmos, com suas crenças mais subjetivas. Esse seria, segundo ele, o único caminho para se entender em profundidade alguma tradição espiritual, o que exige uma postura diferenciada de respeito e sensibilidade.

O teólogo francês Thomas Merton (1915-1968), ao conviver com tradições orientais, confrontou-se com sua própria fé e pôde perceber muito mais similaridades e pontos em comum do que diferenças entre as vivências ocidentais e orientais. No seu “Diário da Ásia” (uma publicação póstuma de 1978), relata essa experiência de “comunicação em profundidade”, e contribui com o debate ao revelar a

percepção que adquiriu ao compartilhar de realidades religiosas diferentes da formação dele:

Se eu me afirmo como católico simplesmente negando tudo que é muçulmano, judeu, protestante, hindu, budista etc., no fim descobrirei que, em mim, não resta muita coisa com que me possa afirmar como católico; e certamente nenhum sopro do Espírito com o qual possa afirmá-lo. (MERTON, 1970, p. 166)

Panikkar (1998) ressalta a importância dessa experiência comunicativa não somente porque no processo se compartilham traços em comum, mas também devido aos contrastes que ele nos possibilita enxergar. Seguindo esse mesmo sentido, o teólogo norte-americano Paul Knitter (2008) acredita que a prática da comunicação significativa abre a possibilidade de aprender algo que ainda não se conhece, o que torna mais legítima a experiência com a verdade. Essas reflexões apontam para a valorização do pluralismo religioso e da diversidade, visando ao incremento do diálogo e da tolerância. Cláudio de Oliveira Ribeiro (2012, p. 218), doutor em teologia, comenta que não se trata “de negação da unidade, mas uma busca de equilíbrio entre unidade e diversidade”.

Retomando o artigo já citado de Faustino Teixeira (2003), ele descreve três formas de diálogo inter-religioso: (1) diálogo da experiência religiosa (segundo ele, ocorre uma comunhão mais profunda, acima do nível de palavras, pois se trata do compartilhamento da oração, da contemplação e da fé, relacionando tais gestos com a vida cotidiana); (2) intercâmbios teológicos (para o autor, talvez a forma mais difícil, porque requer certa relativização das próprias crenças, uma vez que discute, confronta e aprofunda perspectivas doutrinárias); e (3) cooperação religiosa em favor da paz (o autor afirma que talvez seja nesse campo em que hoje ocorre a maior comunhão de experiências religiosas, sendo um diálogo de obras que envolvem ação e colaboração comuns em prol de um mundo mais justo e pacífico) (TEIXEIRA, 2003, pp. 33-34).

Congregar e harmonizar as tradições espirituais em torno de objetivos comuns tem se revelado desafiador, e as religiões podem vir a desempenhar papel central quando se fala em alcançar a paz. Nesse contexto, o teólogo suíço Hans Küng (1993, p. 108) lança pertinente questionamento: o que representaria para o mundo se os líderes religiosos “se pronunciassem decididamente em favor da responsabilidade pela paz, pelo amor ao próximo, pela não violência, pela reconciliação e pelo perdão?”

Dentre as iniciativas que se projetam nessa aspiração, mencionamos a Conferência de Cúpula da Paz Mundial para o Milênio, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre os dias 28 e 31 de agosto de 2000, na sua sede em Nova York/EUA. Nesse evento, duas mil lideranças religiosas se reuniram e se comprometeram a implantar ações concretas, firmadas no documento “Compromisso com a paz global”. Um dos resultados dessa conferência foi a criação, em junho de 2002, do Conselho Mundial de Lideranças Religiosas. Trata-se de uma plataforma autônoma de apoio à ONU no cumprimento de seus objetivos. Tem por meta servir de referência e guia para a criação de uma comunidade composta pelas religiões do mundo¹. Tal episódio, além de ser significativo por sua dimensão internacional, tem relação com a instituição brasileira que estudaremos a seguir.

3 UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

Nesse espírito do diálogo inter-religioso e da promoção da paz entre as tradições espirituais e entre as culturas — e, por consequência, no mundo —, é importante examinar as experiências brasileiras que contribuem para tal propósito. O antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia (2002, p. 68) chama a atenção para o papel da cultura no comportamento dos indivíduos de uma sociedade, ao afirmar que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Alguns estudiosos apontam a construção sincrética da cultura brasileira como fator de promoção do entendimento entre as crenças religiosas. Entretanto, essa visão é objeto de críticas no campo das ciências sociais. A comparação com outros países tem relativizado a aparente especificidade brasileira tal como descrita pelo antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (2001, p. 121): “Seria necessário resgatar como coisa altamente positiva, como patrimônio realmente invejável, toda essa nossa capacidade de sintetizar, relacionar e conciliar, criando com isso zonas e valores ligados à alegria, ao futuro e à esperança”. Esse aspecto é também evidenciado por ele no que tange à expressão das religiosidades no Brasil. Segundo o autor, o caso brasileiro é singular, pois cada forma de religiosidade se apresenta de maneira suplementar às outras, havendo uma relação de plena complementaridade (Ibid., p. 115).

Na mesma perspectiva, o mestre em sociologia e doutor em filosofia Rodrigo Somberg Pfeffer, em seu artigo “Diálogo inter-religioso e construção da cidadania em um mundo globalizado: a contribuição do sincretismo religioso brasileiro”, analisa o papel do sincretismo e da mestiçagem na construção da identidade do Brasil: “Aprendemos a fundir códigos de uma maneira alegre e festiva, o que gerou uma profunda confraternização de valores e sentimentos das culturas religiosas que compuseram o país” (PFEFFER, 2009, p. 10). O debate sobre esse fenômeno no campo das ciências sociais, no entanto, é extenso, o que impossibilita seu aprofundamento no presente estudo. Diversas análises mostram a convivência de traços culturais sincréticos com elementos refratários ao sincretismo religioso na cultura brasileira, a exemplo dos trabalhos do antropólogo Pierre Sanchis (MARIZ, 2005, p. 197), que, ainda assim, reconhece que se trata de um caso exemplar e especial (Ibid., p. 196). Daí ser necessário considerar que o sincretismo e a religiosidade complementar são aspectos presentes em muitas culturas, não sendo, portanto, exclusivos do Brasil; e, por mais que sejam também traços da cultura nacional, não tornam necessariamente o país livre de

violências e perseguições por motivos religiosos.

Por isso, devem-se ressaltar as iniciativas brasileiras pelo fomento do diálogo inter-religioso. Desse conjunto, elegemos incluir neste artigo breve análise da experiência da Legião da Boa Vontade (LBV), em virtude do convite feito pela ONU a essa instituição para participar da citada Conferência de Cúpula da Paz Mundial para o Milênio, em 2000, e coordenar a comitiva de religiosos do Brasil para o encontro². Tal fato instiga uma reflexão acerca das características singulares dessa organização da sociedade civil, cuja história pode fornecer informações importantes para compreender a contribuição brasileira ao diálogo inter-religioso no mundo. Dado o escopo do presente trabalho, o método empregado nessa tarefa será o da análise documental e do discurso da LBV, a partir do artigo “O dinamismo da paz”, do diretor-presidente da instituição, José de Paiva Netto, apresentado à ONU no evento acima destacado, pois fornece vários elementos para compreender a atuação da LBV nesse campo. Pretende-se aqui levantar dados iniciais que posteriormente poderão ser aprofundados em outros trabalhos científicos.

A LBV, conforme seu estatuto, é uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica, educacional, cultural, filosófica, ecumênica, altruística e sem fins econômicos, que foi fundada em 1º de janeiro de 1950, pelo radialista carioca Alziro Zarur (1914-1979), e hoje é presidida por seu sucessor, o radialista, escritor e jornalista José de Paiva Netto. A LBV presta serviço de assistência social e de educação, e se propõe a “educar com espiritualidade ecumênica” em 77 postos no Brasil, entre escolas, abrigos para idosos e centros comunitários de assistência social. Possui unidades autônomas nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Estados Unidos, Paraguai, Portugal e Uruguai. A instituição detém *status* consultivo geral no Conselho Econômico e Social (Ecosoc) das Nações Unidas, desde 1999, e é associada ao Departamento de Informação Pública (DPI) da ONU, desde 1994. Nosso enfoque, entretanto, não será o trabalho humanitário e

educacional que a organização desenvolve, mas as atividades de promoção do diálogo inter-religioso.

Para isso, recorremos a fatos que remontam ao início da LBV. Nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1949, Zarur conduziu na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), da qual era filiado, reuniões preparatórias para o movimento que lançaria em 7 de janeiro de 1950, no mesmo local. Denominou-o de “Cruzada de Religiões Irmanadas”. O jornal *O Globo* de 13 de janeiro de 1950, na página 3 do primeiro caderno, apresentou o seguinte registro:

A Legião da Boa Vontade nasceu do programa “Hora da Boa Vontade”, da Rádio Globo, sob a direção de Alziro Zarur, e cuja finalidade precípua é amparar, material e moralmente, os enfermos necessitados. [...] A Legião da Boa Vontade congrega elementos de todos os credos e classes sociais. Por isso mesmo, desde 4 de março do ano passado, a Campanha da Boa Vontade vem produzindo resultados magníficos em benefício das instituições de caridade e assistência social pelo microfone da PRE-3.

Falaram os seguintes oradores: Dr. Teles da Cruz, católico; Rev. Salustiano Cesar, protestante; professor Leopoldo Machado, espírita; poeta Murilo Botelho, esotérico; Eugênio de Figueiredo, livre-pensador; jornalista Samuel Linderman, israelita; e o Dr. Ascânio de Farias, positivista. [...]

E na edição de 26 de janeiro de 1950, na página 2 do primeiro caderno, o mesmo jornal publicou:

Há um aspecto, na recente criação da Legião da Boa Vontade, que merece ser assinalado e posto no devido relevo. Trata-se da verdadeira confraternização de todos os credos religiosos que se processou no referido movimento, destinado, sobretudo, a amparar moral e materialmente os enfermos e necessitados. [...]

Justamente o denominador comum do amor ao próximo, da vontade de amparar o semelhante, do desejo de reunir forças para fazer o bem, permitiu que, na sessão de posse dos diretores e conselheiros da Legião da Boa Vontade, usassem da palavra um católico, um protestante, um esotérico, um espírita, um livre-pensador, um israelita e um positivista. [...]

Não são comuns acontecimentos desta ordem, nem frequentes

mobilizações de tamanha envergadura moral. Por isso mesmo, a Legião da Boa Vontade encerra um sentido que precisamos exaltar. Dá ela uma prova de como é vasto o campo aberto à ação dos homens de Boa Vontade e de como é fácil reunir, em torno a um princípio comum a todas as religiões e a todas as concepções filosóficas, a numerosa Legião dos que desejam praticar o bem.

O vespertino *A Noite*, da cidade do Rio de Janeiro/RJ, de 18 de junho de 1956, edição 15.342, na página 6 do primeiro caderno, publicou reportagem destacando algumas atividades da instituição naquele tempo. Na matéria, ressaltou o trabalho em torno do diálogo inter-religioso no subtítulo “Religiões Irmanadas”:

Considerando que todas as religiões desempenham um papel preponderante no aperfeiçoamento espiritual do Homem, a LBV teve a feliz iniciativa de reunir representantes de todos os credos que se professam nesta capital e, confraternizados, cada um de per si expor as bases das respectivas doutrinas.

Dessa forma, a Legião da Boa Vontade levou a efeito, em outubro, novembro e dezembro de 1949, reuniões em que falaram representantes do catolicismo, protestantismo, espiritismo, budismo, islamismo, positivismo, bramanismo, judaísmo, esoterismo, umbandismo etc.

O texto afirma, ainda, que nos referidos encontros as pregações não tinham cunho de combate de uma religião contra a outra. Registrou também que a LBV promovia caravanas para visitar templos de várias tradições, “dando exemplo do espírito de tolerância e compreensão religiosa”.

No documento intitulado “O Dinamismo da Paz” (que retomaremos mais adiante), Paiva Netto registra palavras do reverendo Salustiano César, que publicou artigo no jornal *O Cristão*, do Rio de Janeiro/RJ, de 31 de janeiro de 1950, comentando sua participação na reunião ocorrida em 7 de janeiro de 1950:

[...] Na sociedade hodierna encontramos fatos que constituem verdadeiros reptos ao povo cristão. No dia 7 de janeiro corrente,

especialmente convidado como ministro protestante, participei de uma interessantíssima quão surpreendente reunião no edifício da Associação Brasileira de Imprensa, onde o espírito colaborativo, numa forma toda providencial, se caracterizou pela representação em conjunto de pessoas de diferentes credos e correntes filosóficas. Nossa palavra baseada em Romanos, 12, foi ouvida com extraordinários aplausos, ao lado dos oradores: israelita, positivista, esoterista, espírita, católico-romano, (livre-pensador). Muitíssimo impressionante foi essa solenidade pelo objetivo culminante de congregar as “pessoas de Boa Vontade” em favor dos que ficaram à margem da vida. Com este objetivo, foi organizada a “Legião da Boa Vontade”, que atenderá “sem preconceitos” a todos os que sofrem nos seus leitos de dor, em suas casas ou emparedados nos hospitais. (CÉSAR, 1950 apud PAIVA NETTO, 2000, p. 17.)

Atualmente, a LBV prossegue promovendo atos ecumênicos, encontros e reuniões públicas com a presença de representantes de várias correntes religiosas. Nesses espaços de diálogo, cada um expõe sua visão a respeito de temas de interesse público e discute maneiras de cooperar para o bem-estar do próximo³. O discurso que legitima essas práticas passa pela compreensão do que a LBV define por ecumenismo.

No artigo “O Dinamismo da Paz”, o autor dedica boa parte do texto a explicar o termo “ecumênico”, conforme sua visão. Atribui à palavra o vigor do sentido etimológico (PAIVA NETTO, 2000, p. 9)⁴: do grego *oikoumenikós*, que se deriva de *oikoumene*, significando “toda a terra habitada”, como utilizada por Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.), ao descrever aspectos geográficos e culturais do mundo conhecido de então⁵. A partir dessa definição ele conceitua e contextualiza a utilização do termo na LBV. Desse modo, difere do uso no sentido de diálogo e união exclusivamente das igrejas cristãs — significado este que por elas tem sido revisto⁶. Zarur fez uso do termo no título de seu “Poema do Ecumenismo Total”, que escreveu em 1943, cujo seguinte trecho destaca-se:

Irmãos,/ há uma unidade/ fundamental/ em todas as religiões,/ em todos os credos políticos,/ em todas as doutrinas sociais:/ todos lutam pelo Bem/ por diferentes caminhos,/ cada qual se crendo o tal./ E eu, que sou a voz do Povo,/ ergo ao mundo a minha voz,/ na arrancada fraternista/ em que todos se unirão —/ protestantes e católicos,/ judeus e positivistas,/ esotéricos e espíritas,/ maometanos e umbandistas,/ niilistas e ateístas,/ porque os homens são um,/ os povos todos são um,/ não há mais razão alguma/ que empane a felicidade/ desta Nova Humanidade/ que vai em busca de Deus/ para toda a Eternidade. (ZARUR, 1979, p. 185.)

O poema sinaliza a futura visão conceitual da LBV de ecumenismo, que se estende a outros setores da sociedade, portanto, vai além do entendimento inter-religioso. O eixo em torno do qual se busca um sentido de unidade seria a identificação de propósitos coletivos comuns, conforme evidenciado em declaração de Paiva Netto (2000, p. 8): “Nenhum planejamento terá êxito, por mais bem elaborado, se faltar essa intensa harmonia e sentido de unidade na diversidade para vencermos a adversidade”. E, no artigo em epígrafe, o autor desenvolve essa ideia:

Quando falamos em Ecumenismo, queremos dizer Universalismo, Fraternidade sem fronteiras. Muitos, todavia, poderão pensar apenas em Ecumenismo Religioso, que já constitui um grande passo para a civilização, necessitada urgentemente de Paz.

Entretanto, em todos os campos, o Ecumenismo suplica ser praticado, como o demonstra a Legião da Boa Vontade, com a abrangência de suas ações nos diferentes setores da vida humana:

Ecumenismo na Educação

Ecumenismo na Comunicação

Ecumenismo na Política

Ecumenismo na Ciência

Ecumenismo na Arte

Ecumenismo na Filantropia

Ecumenismo na Economia

Ecumenismo no Direito

Ecumenismo na Filosofia

Ecumenismo no Esporte e assim por diante.

É importante ainda destacar o Ecumenismo Racial ou Étnico, o Ecumenismo de Classe, o Ecumenismo que permeia as Nacionalidades, o Ecumenismo Cultural, enfim, porquanto não se pode perder uma vírgula que seja do conhecimento e da Fraternidade que os povos, a duras penas, conquistaram. (PAIVA NETTO, 2000, p. 12.)

Também na concepção do autor, ecumenismo se realiza pelo reconhecimento ao valor individual das pessoas, que, independentemente das crenças que cultivam, são potenciais agentes de transformação social. A forma de diálogo inter-religioso que visa à cooperação em torno de atitudes que beneficiem a vida em sociedade, modelo apresentado por Teixeira, parece ser compatível com essa conceituação. Expõe Paiva Netto em entrevista concedida ao jornalista Paulo Parisi Rappoccio, em 10 de outubro de 1981, intitulada “As nações caminham na direção do Espírito”:

[...] cultivamos a Parte Divina que existe em todos os indivíduos, esperando ser despertada para que atue com eficácia, pelo bem de todos. Por isso, pregamos o Ecumenismo Total, o Ecumenismo das Almas confraternizadas, oriundas da Alma *Mater*, o Supremo Criador; o Ecumenismo dos Sentimentos Fraternos (que a tudo transcende), que constituem a projeção maior do Coração Divino e anseiam por unir-se no soerguer de um futuro feliz. (PAIVA NETTO, 1981)

É extensa a produção da LBV em seu esforço de explicitar a sua visão de ecumenismo. Ela o classifica em “quatro pilares”⁷, a saber: “Ecumenismo Irrestrito”, “Ecumenismo Total”, “Ecumenismo dos Corações” e “Ecumenismo Divino”, cada um com sua correspondente conceituação. A instituição inaugurou em Brasília/DF, em 21 de outubro de 1989, um espaço ecumênico chamado Templo da Boa Vontade (TBV), uma pirâmide de sete faces, com o objetivo de oferecer a pessoas de diferentes crenças e filosofias e mesmo aos ateus um espaço comum de oração e meditação. Em 25 de dezembro de 1994, inaugurou, ao lado dessa construção, o Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica (conhecido como ParlaMúndi

da LBV) — um espaço com auditórios e salas para cursos e palestras, entre outros ambientes —, criado para promover o diálogo em favor da “conciliação universal de todo o conhecimento humano e espiritual, numa poderosa força a serviço dos povos”⁸. Os números de visitação nesses locais indicam aceitação por parte da sociedade brasileira e do turismo internacional. Segundo Boletim de Monitoramento da Secretaria de Estado de Turismo do Distrito Federal (Setur-DF), ano 2, nº 3, julho/2012, página 8, “o Templo da Boa Vontade continua sendo o atrativo mais visitado em Brasília, com média mensal de quase 100.000 visitantes”⁹.

É possível observar que a proposta do TBV propicia a expressão da própria fé em um espaço comum, havendo uma contemplação coletiva do sagrado por meio dos ambientes, rituais e símbolos disponíveis no local. Nesse espaço, o sentimento religioso seria vivenciado pela pessoa de maneira própria e respeitando as crenças e ritos particulares do outro. Por sua vez, o diálogo que ocorre no ParlaMúndi da LBV não se fundamenta obrigatoriamente em pontos teológicos, mas reúne diferentes conhecimentos e opiniões em debates acerca de temas de interesse comum, voltados para o desenvolvimento da sociedade nas suas múltiplas dimensões¹⁰.

O posicionamento da LBV sobre o que seja religião também ajuda a compreender a atuação dela no diálogo inter-religioso. Paiva Netto (1986, primeiro caderno, p. 5) afirma não enxergar religião “como ringues de luta livre”, pois ela “existe para tornar o ser humano melhor, aproximando-o do seu Criador, pelo exercício da fraternidade entre as suas criaturas” (1989, primeiro caderno, p. 5). E prega respeito entre religiosos e ateus, pois considera todos “Irmãos” e “filhos de Deus” (PAIVA NETTO, 2000, p. 24). No artigo “Religião na Vanguarda”, publicado na Folha de S. Paulo, de 24 de agosto de 1986, primeiro caderno, p. 5, encontramos:

Compreendo Religião como Fraternidade, Solidariedade, Entendimento, Respeito à Vida Humana, Salvação das Almas...
[...] Entendo Religião como algo dinâmico, vivo, realizador, que

abre caminhos de luz nas almas dos homens, e que, por esta razão, tem de estar na vanguarda.

Ainda nesse mesmo documento, encontramos o pensamento do autor sobre a importância da harmonia entre as religiões, pois para ele “religião não rima com intolerância” (PAIVA NETTO, 1981). Ao pronunciar-se a respeito do papel das tradições espirituais na promoção da paz no mundo e sobre os objetivos daquele encontro internacional ao qual se dirigiu por meio do texto em análise, argumentou:

O mundo fatiga-se com demasia de palavras e pobreza de ações eficazes, atos que de forma efetiva sirvam de modelo para a concretização de um espírito de concórdia, que na verdade transforme o indivíduo de dentro para fora, coisa que não se consegue por decreto. Evidentemente que esse trabalho humano e espiritual de iluminação das criaturas deve ser acompanhado por acertadas medidas políticas, econômicas e sociais; Instrução; Educação; e a indispensável Espiritualidade Ecumênica. [...]

Convidar todos ao ingresso sem tardança na Sublime Escola do Amor Fraternal, para flagrantemente vivê-lo, é, em resumo, a tarefa empreendida pelos fundadores das crenças. Executá-la em harmonia é finalmente trilhar o caminho que leva à Paz.

Todo documento derradeiro assinado neste encontro internacional será um engodo lançado à face do mundo se não sairmos daqui convencidos de que somos legitimamente Humanidade, “um poema de compaixão”, como queria o Buda (556-486 a.C.). (PAIVA NETTO, 2000, pp. 7-8.)

Encontramos eco desse discurso em práticas da LBV. Em consonância com políticas públicas adotadas no Brasil, o já citado espaço ecumênico Templo da Boa Vontade, em Brasília/DF, foi palco da cerimônia de assinatura da Portaria nº 92, no dia 22 de janeiro de 2013, com presença da ministra Maria do Rosário Nunes, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), e do ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da

República, Gilberto Carvalho¹¹. Durante o ato ecumênico promovido no local, que contou com diversas lideranças religiosas brasileiras, instaurou-se o Comitê Nacional de Diversidade Religiosa, no âmbito da SDH/PR. Conforme consta na publicação do *Diário Oficial da União*, de 25 de janeiro de 2013, p. 2, tem a “finalidade de promover o direito ao livre exercício das diversas práticas religiosas, disseminando uma cultura da paz, da justiça e do respeito às diferentes crenças e convicções”.

A aliança de ações políticas, econômicas e sociais com práticas educacionais tem se tornado uma ferramenta da instituição para concretizar os avanços jurídicos no tocante ao respeito e à tolerância religiosa. Nesse sentido, nas unidades de atendimento da LBV, aplica-se a Pedagogia da Boa Vontade, linha educacional criada por Paiva Netto, com metodologia própria. É formada pela Pedagogia do Afeto (para crianças até 10 anos de idade) e pela Pedagogia do Cidadão Ecumênico (a partir dos 11 anos). Em resumo,

Fundamenta-se nos valores nascidos do Amor Universal, dispondo o indivíduo para viver a Cidadania Ecumênica, firmada no exercício pleno da Solidariedade Planetária, acima de crenças, descrenças, tradições, etnias ou qualquer outro fator de desagregação do ser humano. Tem como bandeira o Novo Mandamento de Jesus, o Cristo Ecumênico: “Amai-vos como Eu vos amei” (Evangelho segundo João, 13:34). (PAIVA NETTO, 2007, p. 43.)¹²

O trabalho da LBV, portanto, visaria à formação do que denomina “Cidadão Ecumênico”, a partir dos valores expostos acima, a fim de contribuir para a harmonia entre os vários setores da sociedade. Como vimos, sua proposta de diálogo percorre o que compreende por ecumenismo e religião, que, dada a sua especificidade, requer uma análise crítica mais aprofundada, problematizando suas percepções e os consequentes desdobramentos. Foi possível perceber, no entanto, que ela tem como premissa não bastar existirem mecanismos legais para garantir a convivência pacífica entre religiões; ela está vinculada

a aspectos da consciência, mentalidade e conduta dos indivíduos no exercício dos deveres de tolerância e respeito em relação à liberdade de expressão religiosa e ao sentimento de espiritualidade do próximo.

4 CONCLUSÃO

O diálogo inter-religioso configura-se assunto dos mais sérios e urgentes, considerando-se a quantidade de denúncias de intolerância religiosa informadas pela SDH/PR, recebidas pelo Disque 100, que somente de 2011 para 2012 cresceram 626%. Ainda segundo a Secretaria, o salto de 15 para 109 casos no período não representa a real dimensão do problema, pois o serviço de atendimento não dispõe de módulo específico para esse tipo de queixa. Além disso, dados de órgãos estaduais e das polícias não são contabilizados¹³. De acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 93,28% da população brasileira se declararam com religião definida, e 6,72%, sem religião. A classificação das religiões superou 100 categorias, o que indica pluralidade, mesmo que nesse panorama se configure um grupo predominante composto por denominações cristãs, sendo, por isso, a diversidade discutida por alguns autores (PIERUCCI, 2002; PIERUCCI; MARIANO, 2010). Destarte, a complexidade desse quadro demanda um amplo debate sobre as formas de promover entendimento e harmonia entre as tradições espirituais, a fim de dirimir os prejuízos sociais causados pelas formas de violência oriundas da intolerância religiosa.

Este artigo não pretende fechar a questão. Pelo contrário, levanta pontos de discussão e perguntas, sendo a principal delas: como debilitar a intolerância? Nesta breve análise documental e do discurso da LBV, notou-se que, diante de um cenário de intolerância, a instituição procura responder com a promoção do diálogo, da comunicação efetiva entre as tradições religiosas e os setores sociais, esforçando-se, ao mesmo tempo, para afastar atitudes de preconceito. Para isso, tem utilizado uma plataforma que promove a expansão

da cultura do diálogo e do ecumenismo por meio de eventos inter-religiosos e também pelas suas atividades socioeducativas, utilizando-se da educação como ferramenta para fomentar uma consciência de respeito à pluralidade e de ação conjunta entre os diferentes pela transformação da sociedade.

Os autores deste artigo acreditam que essa perspectiva suscita novos desdobramentos e, por isso, merece ser aprofundada, a fim de que se encontrem elementos efetivamente favorecedores da luta contra toda forma de violência.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ É possível conhecer mais sobre essa iniciativa pelo site <<http://www.millenniumpeacesummit.org>>.
- ² Carta convite da ONU à LBV disponível no Centro de Documentação e Memória (CEDOCM) da LBV, na sua sede em São Paulo/SP.
- ³ Não vamos nos estender nesse ponto pelo propósito do artigo, mas vale mencionar a promoção do “Fórum Mundial Espírito e Ciência”, criado pela LBV, que, desde 2000, reúne religiosos, cientistas e pessoas de diversas áreas da sociedade para expor seus saberes em torno de temas diversos.
- ⁴ Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?term=ecumenical&allowed_in_frame=0>. Acesso em: 25 ago. 2013.
- ⁵ Tal uso pode ser encontrado, por exemplo, no livro III de “Histórias”, capítulo 106.
- ⁶ Ver documento “Towards a Renewed Understanding of Ecumenism”, do Comitê Inter-religioso das Igrejas Cristãs do Canadá, publicado em agosto de 1992. Konrad Raiser, que exerceu o cargo de secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas no período de 1993 a 2003, também refletiu sobre esse assunto em seu livro “Ecumenism in Transition: A Paradigm Shift in the Ecumenical Movement” (1991).
- ⁷ Ver PAIVA NETTO, José de. *Reflexões da Alma*. 135. ed. São Paulo: Elevação, 2003, pp. 162-164.
- ⁸ Ver PAIVA NETTO, José de. Manifesto da Boa Vontade (I). Disponível em: <<http://www.paivanetto.com.br/index.php/pt/artigo?cm=166&cs=100>>. Acesso em: 22 ago. 2013.
- ⁹ Disponível em: <<http://www.setur.df.gov.br/images/PDF/Boletim%20de%20Monitoramento%20n%C2%BA%203%20%202012.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2013.
- ¹⁰ Parece ocorrer tanto um diálogo da experiência religiosa quanto um diálogo de conhecimentos, mas de forma diversa da retratada por Teixeira, pois não consiste na vivência de outra crença, tampouco em discussões teológicas.

- ¹¹ Ver <www.sdh.gov.br/importacao/2013/01/18-jan-13-comite-nacional-de-diversidade-religiosa-sera-lancado-em-ato-ecumenico-na-3a-feira-22>; <agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-22/sdh-cria-comite-de-combate-intolerancia-religiosa>; e <www.tbv.com.br/inc/interno.php?cm=96522&cs=49&ci=1>. Acesso em: 17 ago. 2013.
- ¹² Vale mencionar que a LBV denomina Jesus como “Cristo Ecumênico” e propõe a “dessectarização de Jesus”. Ver ACADEMIA JESUS, O CRISTO ECUMÊNICO, O DIVINO ESTADISTA. *Paiva Netto e a Proclamação do Novo Mandamento de Jesus — a saga heroica de Alziro Zarur (1914-1979) na Terra*. São Paulo: Elevação, 2009, pp. 108-112.
- ¹³ Informação divulgada em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-21/denuncia-de-intolerancia-religiosa-cresce-mais-de-600-em-2012>>. Acesso em: 12 ago. 2013.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- CONFLICT Barometer 2012. Heidelberg Institute for International Conflict Research. Disponível em: <<http://www.hiik.de/en/konfliktbarometer/index.html>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la Acción Comunicativa*. Madrid: Taurus, v. I e II. 1988.
- KNITTER, Paul. *Introdução às teologias das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LEGIÃO da Boa Vontade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1950. Primeiro caderno, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- MARÍZ, Cecília L. “De vuelta al baile del sincretismo”: un diálogo con Pierre Sanchis. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 189-201, set. 2005.
- MERGULHÃO, Benedito. Cerca de 500 pessoas salvas do suicídio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1956. Primeiro caderno, p. 6. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- MERTON, Thomas. *Reflexões de um espectador culpado*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- PAIVA NETTO, José de. As nações caminham na direção do Espírito. Rio de Janeiro, 10 out. 1981. Transcrição original no CEDOCM da LBV. Entrevista concedida a Paulo Parisi Rappoccio.
- _____. Conselho Deliberativo da Boa Vontade (Final). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 set. 1989. Primeiro caderno, p. 5. Disponível em: <acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- _____. *Em Pauta*. São Paulo: Elevação, 2007.
- _____. O Dinamismo da Paz. *Paz para o Milênio*, São Paulo: Elevação, 3. ed., p. 7-27, 2000.
- _____. Oito Objetivos do Milênio: Responsabilidade de todos os de bom senso. *Globalização do Amor Fraternal*, São Paulo: Elevação, 2. ed., p. 24-50, 2007.
- _____. Religião na Vanguarda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1986. Primeiro caderno, p. 5. Disponível em: <acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- PANIKKAR, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Paris: Albin Michel, 1998.
- PFEFFER, Renato S. Diálogo inter-religioso e a construção da cidadania em um mundo globalizado: a contribuição do sincretismo religioso brasileiro. *Mosaico* (FGV), ano I, 2. ed., dez. 2009.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez. 2002. Primeiro caderno, p. A3. Disponível em: <acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2013.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; MARIANO, Ricardo. Sociologia da Religião, uma Sociologia da Mudança. In: MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloísa H. T. de Souza (Coord.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: sociologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 279-301.
- RIBEIRO, Cláudio de O. Pluralismo e religião: bases ecumênicas para uma teologia das religiões. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, p. 209-237, jan./jun. 2012.
- TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2. sem. 2003.
- TODAS as correntes filosóficas pelo bem comum. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1950. Primeiro caderno, p. 3. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América — a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ZARUR, Alziro. *Poemas da Era Atômica*. 12. ed. Rio de Janeiro, 1979.